Revista Brasileira de Educação em Geografia
ISSN 2236-3904

O POTENCIAL DA TECNOLOGIA AUDIOVISUAL APLICADA AO ENSINO DE GEOGRAFIA

Suâmi Abdalla Santos [1]
suami.abdalla@gmail.com

Resumo
O presente artigo faz breve análise sobre os benefícios que podem advir do uso da tecnologia audiovisual aplicada ao ensino de Geografia. Atualmente, dispomos no mercado de uma infinidade de aparelhos que possuem função de gravação de áudio e vídeo com preços acessíveis. Nesse contexto, torna-se possível a exploração dessas ferramentas pelo geógrafo, pesquisador ou docente para captação de material que pode ser utilizado para facilitar o ensino da disciplina.

Palavras-chave
Ensino de Geografia, Tecnologia, Audiovisual.

THE POTENTIAL OF AUDIOVISUAL TECHNOLOGY APPLIED TO EDUCATION OF GEOGRAPHY

Abstract
This article makes a brief analysis on the benefits that can be extracted using audiovisual technology applied to education of Geography. Currently, we have many options of devices that have recording function of audio and video at affordable prices. In this context it becomes possible to the geographer, researcher or teacher, to use these tools to capture material that can be used to the teaching of the discipline.

Keywords
Geography Teaching, Technology, Audiovisual.

[1] Produtor audiovisual e consultor cultural da Associação de Cidadãos da Galeria dos Estados (ACLUG). Licenciado em História (Unijorge), bacharelando em Administração Pública (UFG), mestre em História das Ciências (UFBA) e mestre em Geografia (UnB). Endereço: SCS Galeria dos Estados, loja 22. Brasília (DF). CEP 70302-000

Tecnologia Popular

É impossível deixar de notar a popularidade atingida pelos aparelhos de gravação de vídeos e fotografias. Basta um breve passeio familiar, em um dia de fim de semana qualquer, para observar a grande quantidade de pessoas fazendo registros pessoais de momentos vivenciados e locais visitados.

Comecei a perceber, ainda em 2008, nas constantes visitas ao Aeroporto Internacional de Salvador, durante as pesquisas que viabilizaram a publicação de "Os Filhos de Ícaro" (ABDALLA-SANTOS, 2011), a enorme quantidade de pessoas que se posicionava em locais estratégicos para realizar registros fotográficos ou filmagens de aviões pousando e decolando.

Em abril de 2012, iniciados os estudos da minha nova dissertação de mestrado, pude analisar, durante um passeio ao Jardim Zoológico de Brasília, a grande variedade de equipamentos de captação de imagens e áudio que era apontada aos majestosos animais selvagens que ali se exibiam. Faziam-se presentes não só as tradicionais máquinas fotográficas digitais como também *notebooks* com *webcam* ou tela giratória, poderosos celulares e *smartphones*, filmadoras digitais e a sensação tecnológica do momento: os *tablets*.

Depois de gravado, qual é o destino desse material? Provavelmente publicado no Youtube por meio de algum aplicativo "arraste e solte" e, posteriormente, compartilhado em redes sociais, ou mesmo perdido no disco rígido de um computador doméstico, sendo exibido apenas para pessoas mais próximas.

Se é possível filmar, com facilidade, animais exóticos, aviões decolando, apresentações artísticas e outras atividades que julgamos dignas das lentes dos nossos equipamentos, será que não poderemos utilizar esses mesmos conhecimentos como ponto de partida para a produção de material didático?

A manipulação desses dados nunca se mostrou tão intuitiva e de fácil acesso como se encontra atualmente. Deixando de lado as enormes e caras ilhas de edição, estão disponíveis na internet programas de edição de vídeos com as mais diversas características, como softwares pagos, gratuitos e até ferramentas online de edição de fotos e vídeos.

Como é comum imaginar, somos inclinados a pensar que as opções gratuitas possuem limitações ou são de pior qualidade quando comparadas às soluções comerciais

de empresas tradicionalmente conhecidas. Esse contexto nem sempre representa a realidade, podemos tomar como exemplo o filme "O Discurso do Rei" (2010), vencedor de quatro Oscar em 2011. Essa obra cinematográfica foi totalmente editada em um software livre chamado *LightWorks*, que apresenta complexidade e recursos disponíveis apenas nos caros e mais conceituados softwares de edição de vídeo.

Diante desse cenário, temos disponível um ambiente propício para a produção de material audiovisual de qualidade com custo bastante reduzido. Sendo assim, podemos interpretar que, possivelmente, uma das maiores barreiras para a utilização desses recursos é a falta de técnica e familiaridade com a operação dessas novas tecnologias.

A Formação do Professor de Geografia e as Tecnologias

Mesmo vivendo em meio a uma constante expansão tecnológica e, consequentemente, com mais opções de equipamentos de produção audiovisual disponíveis, a formação acadêmica do professor de geografia parece não ter acompanhado esse ritmo, sendo esse, possivelmente, um dos motivos dessa interação deficitária.

Os cursos de licenciatura em geografia normalmente não dispõem de disciplinas específicas que abordem a importância e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) em sala de aula. Esse tema é comumente reduzido em tópicos dentro das disciplinas de práticas educativas e limitam-se ao debate do uso de material audiovisual como recursos auxiliares na construção de conceitos geográficos.

Para a elaboração do argumento anterior, consultei matrizes curriculares de cinco cursos de licenciatura em geografia em Universidades públicas brasileiras: Universidade de São Paulo - USP, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Universidade Federal de São João del Rei - UFSJ, Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS e Universidade de Brasília - UnB (Convênio com a Universidade Aberta do Brasil - UAB).

Das matrizes curriculares consultadas, nenhuma oferece, em regime obrigatório, uma disciplina própria para introduzir as TICs no processo de formação do professor de geografia. Observei que o tema tecnologia é abordado em disciplinas como "Didática" e "Introdução à informática". Apenas o curso de licenciatura em geografia da

Universidade Federal do Rio de Janeiro oferece, como crédito optativo, a disciplina Tecnologia da Informação e Ciberespaço, com carga horária de 30h.

Abrindo um espaço de reflexões sobre a introdução das TICs e a prática de ensino, podemos utilizar o curso de licenciatura em geografia do convênio UnB/UAB para ilustrar essa tentativa de superação das adversidades encontradas durante a formação dos docentes de geografia. Para Fernandes e Gomes, os cursos de licenciatura da UnB/UAB, por meio dos seus professores, precisam,

> a partir dos conhecimentos que já têm, pesquisar e produzir conhecimento novo, encarando as tecnologias de informação e comunicação-TICs [...] em uma perspectiva contínua de construção, produção, socialização, aplicação do conhecimento e da tecnologia que criam, atribuindo centralidade ao processo pedagógico de construção de conhecimento. (FERNANDES; GOMES, 2012, p. 13)

Fica evidente que o conhecimento "formulado e estabelecido" (idem) pode ser trabalhado juntamente com a realidade do contexto social e tecnológico contemporâneo, incluindo as particularidades locais e a participação dos indivíduos (professores e licenciandos) para a construção de novos saberes.

Deve-se ressaltar que o professor de geografia, ao dominar os recursos de produção audiovisual, não deve abrir mão dos conteúdos tradicionais que possibilitam a compreensão do raciocínio espacial. Para Steinke e Peluso

> A discussão, porém, não pode ser reduzida à utilização da tecnologia mais adequada para tanto, pois corre-se o risco de subordinar o conteúdo e o objetivo pedagógico à ferramenta tecnológica. O grande desafio vai em sentido contrário, ou seja, em encontrar técnicas e ferramentas mais adequadas para apresentar conteúdos que se proponham a estimular a socialização geográfica. (STEINKE; PELUSO, 2012)

A utilização dos recursos audiovisuais no ensino de geografia possibilita ao professor explorar novas possibilidades de abordagem e de estímulos aos seus alunos, em outras palavras, o aluno pode atuar como sujeito ativo no processo ensino-aprendizagem, trazendo ao ambiente escolar conhecimentos prévios que conseguiu identificar em seu cotidiano por meio da mediação do professor.

Para Cavalcanti (2005), a relação entre mediação pedagógica, o cotidiano do aluno e a formação de conceitos está ligada à visão socioconstrutivista de Vygotsky, ao passo que, no ensino de geografia,

> É no encontro/confronto da geografia cotidiana, da dimensão do espaço vivido pelos alunos, com a dimensão da geografia científica, do espaço concebido por

> essa ciência, que pressupõe a formação de certos conceitos científicos, que se tem a possibilidade de reelaboração e maior compreensão do vivido, pela internalização consciente do concebido. Esse entendimento implica ter como dimensão do conhecimento geográfico o espaço vivido, ou a geografia vivenciada cotidianamente na prática social dos alunos. (CAVALCANTI, 2005, p.200-201)

Considerando que o aluno já possui algum conhecimento geográfico oriundo da sua experiência cotidiana, principalmente aqueles que moram no Distrito Federal e convivem diariamente com pontos cardeais nas "asas", "lagos", "setores", "eixos" e outros instrumentos de organização urbana, o professor de geografia pode utilizar os recursos de produção audiovisual para que o aluno apresente a sua visão da geografia cotidiana, intervindo intencionalmente nesses conceitos e realizando referências com a geografia científica.

> É preciso, então, que o professor aguce bastante a sensibilidade para captar os significados que os alunos dão aos conceitos científicos que são trabalhados no ensino. Isso significa a afirmação e a negação, ao mesmo tempo, dos dois níveis de conhecimento (o cotidiano e o científico) na construção do conhecimento, tendo, contudo, como referência imediata, durante todo o processo, o saber cotidiano do aluno. Na verdade, o raciocínio geográfico só é construído pelos alunos se for encarado como tal, como um processo do aluno, que dele parte e nele se desenvolve. (CAVALCANTI, 2005, p.201)

Segundo Cavalcanti (2008, p.16), as tecnologias da informação e comunicação desempenham um papel importante para o processo de aprendizagem, uma vez que a quantidade de conteúdo disponível ao aluno passa a ser global e, praticamente, instantânea; entretanto, com o risco de se tornar elemento de "universalização dos gostos". Sendo assim, podemos considerar que o uso das TICs, em especial, os recursos audiovisuais, possuem grande potencial didático para o ensino de geografia.

De fato, o advento das tecnologias das áreas apontadas leva a que as pessoas vivenciem um mundo de modo mais próximo, provocando familiaridades antes impossíveis entre determinados lugares e suas representações pelos meios de comunicação; com essas tecnologias é também possível impor estilos de vida internacionais, globais, por meio da adesão, por cidadãos do mundo inteiro, ao consumo de alguns produtos e serviços que estão no marco de um mercado internacional. (CAVALCANTI, 2008, p. 16).

Nesse contexto apresentado por Cavalcanti, podemos inferir que a imposição de estilos de vida e o consumo global de produtos, principalmente os eletrônicos, abrem caminho para um processo de democratização da produção audiovisual por meio de

uma grande variedade de equipamentos disponíveis, separados, inclusive, por categorias que fazem relação direta com o seu preço sugerido de venda.

O mercado de eletrônicos, em especial câmeras fotográficas, filmadoras, *tablets* e *smartphones*, nos oferece soluções nas mais diversas faixas de preço e com recursos distintos, dessa maneira, nem sempre o melhor equipamento para suprir as nossas necessidades será o mais caro da prateleira da loja.

A aquisição de equipamentos a custos reduzidos representa apenas uma parte do processo de democratização da produção audiovisual. Uma das grandes barreiras à entrada que afastava os educadores da criação cinematográfica era a necessidade de adquirir ou alugar as dispendiosas ilhas de edição, que foram substituídas por softwares de computador e que possuem muitas alternativas em software livre.

Com todos os fatores técnicos, pedagógicos, sociais e econômicos se mostrando a favor do uso da produção audiovisual, seja para a produção de videoaulas ou para criação de material didático ou de arquivo, é surpreendente que exista pouca motivação ou interesse de geógrafos e professores de geografia em adotar esses recursos em suas atividades de campo ou na sala de aula.

Testes Preliminares

Buscando obter os primeiros resultados práticos, procurei gravar em vídeo dois experimentos em que o objetivo principal era tentar registrar imagens de ambiente urbano em enquadramentos pouco convencionais, com equipamento de baixo custo, de modo que fosse possível o aproveitamento dos dados para o uso em sala de aula.

A paisagem urbana foi preliminarmente escolhida pela grande quantidade de aplicações a que pode ser submetida, ao passo que

> A análise de uma paisagem urbana é igualmente denunciadora de sua história e de suas condições de desenvolvimento, revelando o peso do passado na organização do espaço urbano da época contemporânea. (DOLLFUS, 1972, p. 13)

O primeiro experimento foi um pequeno trajeto dentro da região de Brasília, em uma das principais avenidas de ligação das Cidades-Satélites da Saída Sul com o Plano Piloto, ressaltando a estrutura urbana que se mostrava durante esse caminho, como pontos de ônibus, viadutos, passarelas de pedestres e via exclusiva de ônibus.

O material que obtive foi muito animador. Utilizando uma filmadora digital esportiva de baixo custo, modelo Gopro HD Hero, fixada no capô de um automóvel popular de passeio, produzi um vídeo de, aproximadamente, cinco minutos de duração, em que foi possível observar, a partir de um ângulo bastante privilegiado, algumas características estruturais da Estrada Parque Taguatinga (EPTG).

O trajeto foi iniciado na saída da quadra 5 do Setor de Mansões Park Way e se estendeu até as proximidades do Setor Sudoeste. No vídeo, é possível identificar, a partir de uma visão desobstruída e do centro da rodovia, radares de velocidade, cones de trânsito, pontos de ônibus sem utilização, as pinturas da faixa exclusiva para ônibus entre outras situações cotidianas.

Essa tarefa ilustra como podemos utilizar uma ferramenta relativamente de fácil acesso para diversificar os meios de aquisição de dados para as pesquisas geográficas. Se pensamos na dinâmica paisagem de acordo com Dollfus (Idem, p. 11), como exemplo, porém não limitado, através da imagem e do vídeo, podemos gerar registros visuais das suas transformações.



Figura 1 - Trecho da Estrada Parque Taguatinga (EPTG)
Fonte: Acervo do autor

Ao dominar o uso das tecnologias, mais precisamente o recurso de produção audiovisual, o geógrafo, pesquisador ou educador adiciona ao seu leque de opções uma oportunidade de expor o seu trabalho de uma nova maneira, com possibilidade de ampla difusão através das mais diversas mídias digitais.

O Segundo teste deixa claro a diversidade de aplicações. Sendo um pouco mais complexo, a mesma câmera foi utilizada para realizar filmagens aéreas na cidade

de Cavalcante-GO, para isso, o equipamento foi acoplado a um pequeno VANT (Veículo Aéreo Não-Tripulado), confeccionado artesanalmente em isopor, com o custo aproximado de R$800,00, já incluso o sistema de controle remoto e de propulsão.

O teste foi igualmente animador e se mostrou uma alternativa de baixo custo para a obtenção de vídeos e fotografias aéreas. Pude analisar a concentração das edificações, a estrutura e disposição das ruas e avenidas, bem como o relevo e a vegetação local.

Faz-se necessário algum treinamento antes do lançamento do VANT ao céu, pois existe risco de queda em caso de má operação do aparelho, podendo resultar em danos diversos às propriedades no local da queda, assim como possíveis ferimentos aos transeuntes, e consequente perda do VANT e da câmera filmadora.



Figura 2 - Visão aérea de Cavalcante-GO
Fonte: Acervo do autor

Outro grande benefício de possuir uma nova perspectiva de análise do objeto de estudo é a ampliação do nível de detalhes que se pode imprimir à pesquisa. Como podemos interpretar na analogia de Demo (2008), ganha-se muito em profundidade analítica ao resistir à tentação de pesquisar uma floresta para pesquisar uma árvore do nosso tamanho.

A depender da forma de captação das imagens e da qualidade do equipamento empregado pode ser possível a observação de detalhes sutis que passariam despercebidos em descrições textuais. Entretanto não se pretende aqui defender uma priorização da produção audiovisual sobre as demais técnicas de pesquisa, essa deve ser

utilizada como mais um recurso tanto na produção de conhecimento quanto na relação ensino-aprendizagem.

Possibilidades ao ensino de Geografia

O trabalho de pesquisa e produção de material audiovisual pode beneficiar vários níveis de estudos, do ensino básico à pós-graduação. O diferencial didático dessa prática é que o aluno deixa de ser um mero espectador e pode atuar como agente participativo no processo de construção do conhecimento.

Ressalto que a intenção primária não é substituir os livros e leituras de mapas por videoaulas e animações, mas reconhecer que existe uma lacuna no processo de ensino-aprendizagem que pode ser preenchida com a ajuda de mídias, tão populares no nosso cotidiano, mas que ainda encontram resistência em suas aplicações no meio escolar.

Em entrevista à Revista ISTOÉ, o senador e ex-ministro da Educação Cristovam Buarque reconhece a necessidade da integração dessas tecnologias com o ambiente escolar, colocando uma situação em que

> O menino que navegou à noite na internet chega na aula, de manhã, sabendo de coisas que o professor desconhece. O ator principal não é mais o professor. São o professor, o aluno e a mídia. (ISTOÉ, 2007)

Ainda na mesma entrevista, o educador e político compara o uso da mídia eletrônica na educação à invenção do quadro-negro.

O desafio é retirar do audiovisual o caráter de "aula especial" e, aos poucos, introduzir o trabalho com essas mídias no cotidiano escolar, assim como fazemos naturalmente em nossas atividades corriqueiras, principalmente em viagens, quando costumamos registrar nossa jornada através de fotos e filmagens. Esse tipo de atividade pode se tornar constante no ambiente de aprendizagem e ajudar na transformação do papel do aluno neste contexto, deixando de ser simples espectador, passando a colaborar com o acervo de materiais utilizados.

Não posso deixar de citar o sistema operacional Android, disponível em milhões de aparelhos celulares de fabricantes famosos como Motorola®, Sony Ericsson®, Samsung®, entre outros. O Android é registrado como software livre (GPL) e possui uma infinidade de aplicativos gratuitos, alguns deles trabalham em conjunto com a função

GPS dos aparelhos, fato que possibilita uma gama de utilizações para o ensino de coordenadas geográficas e trajetos urbanos.

Experimentos semelhantes aos já descritos neste artigo foram realizados posteriormente utilizando o "Minhas Trilhas", aplicativo gratuito que memoriza o deslocamento do aparelho via sinal de GPS. Foram feitos dois trajetos, o primeiro com o aparelho dentro do automóvel, repetindo o trajeto realizado anteriormente com a câmera e o segundo utilizando o mesmo VANT do experimento anterior.



Figura 3 - Trajeto realizado por automóvel
Fonte:Tela do aplicativo Minhas Trilhas

Foi possível registrar importantes dados como distância percorrida, velocidade média de movimentação e velocidade máxima, além do trajeto completo marcado com linha vermelha pelo mapa. Esses dados podem ser facilmente compartilhados por e-mail, *bluetooth*® ou outros tipos de transferência de arquivos.



Figura 4 - Trajeto realizado por VANT
Fonte:Tela do aplicativo Minhas Trilhas

No experimento com o VANT, podemos identificar um trajeto disforme sobre uma área desabitada do Guará II e destacar a medição de velocidade e altitude atingida para obter melhor compreensão dos vídeos e fotos obtidos durante o voo.

Levando em consideração o baixo custo de um aparelho celular com Android, esta ferramenta também não deve ser descartada, podendo servir como ilustração pra muitos temas de geografia.

Também não deve ser desconsiderado o potencial da fotografia e do vídeo para pesquisas de acompanhamento de processos, sendo possível a criação de *slides* ou pequenos filmes ilustrando as transformações de paisagens, como a ocupação de novas áreas da cidade, o aumento do fluxo de pessoas em determinadas vias ou avenidas, ou ainda o avanço de processos erosivos e mudanças da vegetação de um local determinado.

Essas obras, que podem ser elaboradas a partir de pesquisas de campo, também podem ser compiladas pelo próprio geógrafo e disponibilizadas para utilização em salas de aula, por professores que identifiquem a necessidade de ilustração do tema.

Objeto de estudo deste artigo, a tecnologia audiovisual, assim como outras produções, a exemplo dos filmes e documentários, são comumente utilizados para fins educacionais em canais educativos de televisão, como a TV Escola, TV Cultura e o Canal Futura, sua eficácia sendo aprimorada com o passar do tempo.

> O mínimo que se pode deduzir desses estudos é que as películas cinematográficas demonstram, de modo incontestável, desde o início da história do cinema, a sua eficácia como instrumento formador de consciências e a sua função como agente da história. (NÓVOA, 2008, p.31)

O desafio dos educadores e pesquisadores que se interessam por esse tema é de criar um efeito de popularização da produção audiovisual no contexto científico e educacional, de modo que as produções derivadas desse movimento possam se tornar mais numerosas, como resposta natural à inserção da tecnologia em nosso cotidiano. Videoaulas, documentários e outras produções audiovisuais podem fazer parte dos recursos técnicos de pesquisadores e educadores.

Na década de 1980, Nóvoa já havia deixado clara a possibilidade da produção audiovisual em ambiente acadêmico, mesmo sabendo que

> à primeira vista, poderia parecer muito ambicioso tal objetivo, mas basta observar os novos recursos tecnológicos no domínio das câmeras de filmar e da informática, a disseminação do uso do videocassete como instrumento de exibição de filmes, assim como também a relativa facilidade para a organização de ilhas de edição, para perceber-se que não se está tão longe do tempo em que o próprio historiador, comunicará as suas idéias, não apenas por escrito. O vídeo e o CD-ROM serão aliados extraordinários. (Idem, p.39)

A ampliação do acesso aos meios permitirá que mesmo pesquisadores eventualmente avessos à tecnologia possam iniciar estudos em parceria com colegas, ou ainda, participar de grupos de estudo com a finalidade de produzir videoaulas e outros recursos audiovisuais.

Considerações Finais

Vivemos um momento de grande transformação tecnológica, de modo que os registros fotográficos e em vídeo tornaram-se um costume do nosso cotidiano. Dentro das mais variadas faixas de preço, temos muitas opções de aparelhos multifuncionais que normalmente permeiam uma variada relação "portabilidade x qualidade", sendo assim possível optar por modelos que sejam mais adequados às nossas necessidades (ou realidade).

Uma vez que os alunos se encontram imersos nesse contexto, explorar o potencial desses aparelhos como ferramentas auxiliares no processo ensino-aprendizagem torna-se uma medida bastante interessante para melhorar o entendimento de alguns temas que muitas vezes são tidos como conteúdos "difíceis de se passar".

Muitas vezes, o geógrafo docente se encontra refém de material didático auxiliar que não corresponde à sua expectativa ou à realidade dos seus alunos. Nesses casos, o professor se vê obrigado a ilustrar o conteúdo trabalhado com exemplos de material audiovisual produzido de maneira genérica para atingir alunos de diversas partes do país, mas que não necessariamente condiz com a realidade da sua região.

Uma vez familiarizado com as tecnologias de produção audiovisual, o geógrafo docente dispõe de ferramentas para interagir com os seus alunos em situações mais específicas dentro do contexto espaço-temporal, político e social da sua própria região ou município, podendo não somente produzir seu próprio material a ser utilizado em sala de aula como também influenciar os alunos a realizarem registros em vídeos e fotografias dentro da realidade vivida por cada um, sendo essa experiência resgatada para a sala de aula.

Contudo, não cabe somente ao geógrafo docente o domínio dessas tecnologias, o pesquisador de campo tem a possibilidade de registrar os seus experimentos geográficos em linguagem audiovisual e tornar esse acervo disponível para ser acessado pelos docentes que irão avaliar a melhor maneira de explorar o conteúdo em sala de aula.

Referências Bibliográficas

ABDALLA-SANTOS, Suâmi. **Os Filhos de Ícaro:** a invenção do avião e a realização do sonho de voar. Brasília: ACLUG, 2011.

CAVALCANTI, Lana. **A Geografia Escolar e a Cidade:** ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, Papirus, 2008.

_____. Cotidiano, Mediação Pedagógica e Formação de Conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao Ensino de Geografia. In: **Cadernos CEDES**, vol. 25, nº 66, mai/ago. Campinas: CEDES 2005. p.185-207

DEMO, Pedro. **Metodologia para quem quer aprender.** São Paulo: Atlas, 2008.

DISCURSO do Rei, O. Produção de Tom Hooper. Paris Filmes, 2010. DVD. 118 minutos. som. cor.

DOLLFUS, Olivier. **O espaço geográfico.** São Paulo: Saber Atual, 1972.

FERNANDES, Maria; GOMES, Ana Lúcia. Trajetórias das Licenciaturas da UnB: em busca de um olhar qualificado sobre a Educação a Distância. In: FERNANDES, Maria. **Trajetórias das Licenciaturas da UnB**: EaD em foco. Brasília: Editora UnB, 2012.

ISTOÉ. Os Educadores do Futuro. 20 jun. 2007. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/8150_OS+EDUCADORES+DO+FUTURO>. Acesso em: 18 mai. 2013

MOREIRA, Ruy. **Pensar e Ser em Geografia:** ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

NÓVOA, Jorge. Apologia da relação Cinema-História. In: NÓVOA, Jorge; BARROS, José (Orgs.). **Cinema-História:** teoria e representações sociais no cinema. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008, pp. 13-40.

STEINKE, Valdir; PELUSO, Marilia. Licenciatura em Geografia na modalidade a distância: reflexões e comentários. In: FERNANDES, Maria. **Trajetórias das Licenciaturas da UnB:** EaD em foco. Brasília: Editora UnB, 2012.

Recebido em 22 de março de 2013.

Aprovado para publicação em 24 de novembro de 2013.